



Dossiê: Poéticas, dramaturgias e modos de fazer do(s) circo(s) contemporâneo (s)

Apresentação: circo, círculo, movimento, passagens

Maria Carolina Vasconcelos Oliveira

Diocélio Batista Barbosa

O circo traz em sua história a característica da itinerância e do hibridismo e, portanto, do movimento, da transformação. O circo atravessa a modernidade, chega na contemporaneidade e se torna ainda mais plural. Diversos modos de produção passam a ser nomeados – por exemplo, circos clássicos, circos novos, circos contemporâneos, circos de rua, entre tantos outros possíveis – e cada um deles se desdobra em diferentes poéticas, modos de fazer e modos de ensinar. Não raro, pesquisadoras, pesquisadores, artistas, públicos, aprendizes, perguntam-se sobre o que liga tamanha diversidade de experiências: onde estaria o denominador comum do circo, afinal? Se abirmos mão da tentativa de uma definição essencialista, enxergamos que o fio que conecta as tantas expressões a que nomeamos como circo no decorrer dos anos é justamente o da diversidade. Fazendo esse volteio, talvez sejamos acusados de cair em circularidade, mas isso não é problema para nós, que fomos criados no círculo e prezamos por ele.

Como nas demais linguagens artísticas, afinal, a nossa é marcada por movimentos, tendências, correntes de pensamento, continuidades e rupturas. Apesar de ainda menor quando comparado a outras linguagens, o reconhecimento do circo como campo de saber e seu espaço dentro das universidades cresce a passos largos. Proliferam-se pesquisas de graduação e pós-graduação, atividades extensionistas, seminários e encontros, subáreas específicas de estudos. Em encontros mais gerais, como o da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas (ABRACE), a diversidade das temáticas de pesquisa em artes circenses já mal cabe num único grupo de trabalho; ao passo que nos eventos específicos sobre circo, os grupos de trabalho se desdobram em temáticas cada vez mais particulares, o que reflete também o aumento da quantidade de participantes. Se podemos desfrutar desse campo mais consolidado hoje, é graças a uma geração anterior que construiu suas bases, ou em nossos termos, fincou o mastro e subiu a lona.

Enquanto preparávamos esta edição, um acontecimento enorme abalou o mundo do circo: Erminia Silva encantou-se. Mina, uma unanimidade, ocupa aquele lugar que é das mães no nosso campo de pesquisa. Não só levantou e sistematizou tantos dados e saberes sobre as artes circenses, como também abriu caminhos em espaços e circuitos em que o circo passou a poder figurar. Ela própria integrante de família circense, trabalhou toda uma vida para aumentar o conhecimento e o reconhecimento de uma arte (e de gerações de artistas) que, durante muito tempo foi vista como menor. Para além da enorme tristeza em não podermos mais conviver, neste plano, com sua presença tão grandiosa e cheia de afeto; ficamos, todas e todos nós – artistas circenses, estudantes, pesquisadoras e pesquisadores de circo, apaixonadas e apaixonados por essa arte – com a responsabilidade de seguir adiante, de continuar tocando essa grande construção que é o campo de pesquisa nas artes circenses.

Questionadora sagaz e sempre atenta às dinâmicas de poder que também se fazem presentes nos campos do saber, Erminia nos ensinou a duvidar de versões únicas ou hegemônicas das histórias e interpretações do circo, reconhecendo a importância dos conhecimentos gerados por agentes mais invisibilizados, pelos artistas da lona, como também por aqueles que pensam e fazem o circo a partir do sul global. A partir de seu intenso e rigoroso trabalho na pesquisa de dados históricos, Erminia formulou conceitos e interpretações sobre as artes circenses, sobretudo no Brasil, que tornaram-se pontos de partida fundamentais para outras gerações de pesquisadoras e pesquisadores. Suas pesquisas – muitas desenvolvidas também em parceria com Daniel Lopes – demonstram que o hibridismo e a diversidade sempre fizeram parte do circo e que, ao contrário do que interpretações rasas do termo “tradicional” poderiam levar a crer, nossas tradições circenses sempre estiveram conectadas a transformações da sociedade.

Já em seu trabalho de mestrado (Silva, 1996), Erminia apresenta a ideia de circo-família, relacionando os aspectos formais das obras circenses (“o circo que se vê”) ao seu modo de produção (“o circo que não se vê”), que tem a família como elemento estruturante. Essa abordagem nos previne, de um lado, de cair em interpretações que reduzem o circo às suas características formais; e de outro, de minimizar a importância das inovações artísticas e da linguagem que se desenvolve no nível da cena, o que poderia reduzir o circo a uma visão estanque e imóvel, a uma expressão supostamente restrita a uma comunidade fechada. Esses dois extremos poderiam ser considerados visões essencialistas das artes

circenses, e Erminia nos deixa uma série de ferramentas e sensibilidades para pensarmos o circo de forma mais complexa e profunda.

Em seu trabalho de doutorado, que depois se desdobra no reconhecido livro *Circo-teatro: Benjamim de Oliveira e a teatralidade circense no Brasil*, reeditado recentemente em 2022, Erminia, constroi e dissemina a história do multiartista negro Benjamim de Oliveira, tecendo também a historiografia do circo nos séculos XIX e XX no Brasil. Este trabalho, além de apresentar e sistematizar uma série de dados inéditos, desinvisibiliza diversas inovações praticadas pelos circos naqueles períodos e reforça seu diálogo com as questões sociais de suas épocas. Além disso, a nosso ver, a forma como Erminia mobiliza o termo *teatralidades* é digno de nota: a autora lança luz sobre as diferentes maneiras pelas quais o espetáculo circense mobiliza recursos (cênicos, discursivos, sociais, técnicos e tecnológicos) para construir poéticas e discursos específicos, escolhendo ficar, mais uma vez, na zona de intersecção entre o circo que se vê e o que não se vê, e tecendo essas duas dimensões com maestria.

Erminia também nos deixa contribuições preciosas sobre muitos temas específicos numa série de artigos produzidos no decorrer dos anos. Mina nos ensina, sobretudo, a olhar para o circo como um imbricamento de trajetórias que são pessoais e sociais, de modos de produção e formas estéticas, de modos de vida e processos de ensino-aprendizagem, de relações com as outras artes (como o teatro, interlocutor de tantos anos) e com questões mais amplas da sociedade.

Neste Dossiê

O Dossiê Poéticas, dramaturgias e modos de fazer do(s) circo(s) contemporâneo(s) reúne artigos de pesquisadoras e pesquisadores de diversas regiões do Brasil e contempla também uma variada gama de olhares para o circo. Reúne reflexões e relatos sobre experiências circenses que acontecem sob a lona mas também em outros espaços; que abordam diferentes modalidades – e também teatralidades – circenses (como a palhaçaria, o contorcionismo, as acrobacias e o circo-teatro); que refletem sobre os modos de criar e de ensinar circo.

A edição se abre justamente com um texto sobre Erminia Silva, intitulado *Erminia Silva: multiplicidade de vida e circo*, escrito pelos parceiros de trabalho e de vida Daniel Lopes, Daniel Marques da Silva, Daniele Pimenta, Eliene Benício, Marco Bortoleto e Mario Bolognesi. Num artigo sensível que homenageia e dissemina o legado da grande pesquisadora e amiga, os autores retomam as principais contribuições de Erminia para o campo de estudos circenses e também recontam, por meio da própria trajetória de Mina, um pouco da história do circo brasileiro – uma vez que, como bem colocam, vida e obra estão profundamente imbricadas.

Em *Escolas Nacionais de Circo: debatendo a formação profissionalizante no Brasil e no Canadá*, Rodrigo Mallet Duprat e Marco Antonio Coelho Bortoleto discute o uso de tecnologias e conhecimento científico na formação profissional de artistas de circo num estudo comparativo entre as escolas nacionais de circo do Brasil e do Canadá (Escola Nacional de Circo Luiz Olimecha, no Rio de Janeiro, e a École Nationale de Cirque de Montréal). Apresentando dados novos, produzidos a partir de entrevistas qualitativas a profissionais dessas instituições e observações empíricas, o mostra como, a despeito das diferenças no que diz respeito à infraestrutura e investimentos, as escolas apoiam-se fundamentalmente nos saberes empíricos de seu corpo de profissionais, bem como no conhecimento e protocolos desenvolvido pelos mesmos.

Em *Circo-teatro Irmãs Ferreira: uma árvore de múltiplos galhos*, Murilo de Paula Souza tece um emaranhado muito interessante entre memórias familiares e a história cultural do circo como expressão artística, a partir da apresentação da trajetória do Circo-teatro das Irmãs Ferreira, que começou a circular no interior do Estado de São Paulo na década de 1940. Tangenciando questões como a itinerância, os processos de aprendizado no circo e as dramaturgias circenses, o autor vai construindo suas reflexões a partir dos depoimentos dos integrantes da família (obtidos por meio de entrevistas) e de suas próprias memórias.

Em *Circo e imersão: possibilidades de atualização a partir do vídeo 360º*, Yerko Saraiva Haupt reflete sobre as possibilidades de criar circo com uma tecnologia atual, a do vídeo 360º. O circo é uma linguagem que sempre incorporou tecnologias em seus

espetáculos (Lopes e Silva, 2023) e essa prática segue se atualizando – a proliferação de trabalhos que se utilizaram de ferramentas e linguagem de vídeo na pandemia de Covid 19, por exemplo, deixou marcas nas dramaturgias dos trabalhos e dos processos de criação de muitos artistas e grupos atuais. Valendo-se da ideia de imersão, oriunda das artes visuais, o autor situa o circo como uma arte que em si convoca à imersão, e analisa experimentações circenses contemporâneas feitas com a tecnologia do vídeo 360o.

Em *A criação do espetáculo Fora: um projeto que combina renovação e resgate histórico das técnicas de contorção* a autora Alice Rende traça a sua trajetória de ambivalência - claustrofóbica x agorafóbica -, em sua recente referida obra evidenciando desta forma as questões mais relevantes de suas escritas cênica e dramática, as quais se contorcem em aspectos artístico, histórico e social. Uma pesquisa que mergulha a fundo na dificuldade de se enquadrar em modelos pré-existentes, e no suspiro que é se soltar e ser quem realmente é. É legítimo quando por meio da contorção como uma metáfora a autora ressignifica um contexto histórico e social que carrega uma herança de dor e opressão para transformar em um gesto artístico forte e de denúncia.

Em *A escuta do olhar no processo de criação do espetáculo palharesco “Dormente”* a autora Ana Elvira Wuol explorou a noção denominada “Escuta do olhar” transportando-a para o campo da palhaçaria, valendo-se do conceito como uma perspectiva metodológico-conceitual à atuação e pesquisa cênica. Uma escrita imersa em uma homenagem póstuma à diretora da obra Lily Curcio, que assim como a sua palhaça Jasmin traz uma sensibilidade no ato de olhar para público, e para isso destaca aspectos como escuta, observação e presença cênica que na palhaçaria são fundamentais para a criação de uma conexão legítima.

Em *O teatro de rua de matriz circense: um exemplar do Norte do Brasil* o autor Adailton Alves Teixeira evidencia a tomada do espaço público por parte do coletivo Teatro Ruante de Porto Velho/RO para perceber em sua obra o jogo de proximidades nas leituras feitas pelos autores Rafael Barros que dialoga com Chacovachi em torno da palhaçaria que ocupa espaços não convencionais e tem no diálogo com o público a chave para alimentar suas ações cômicas. O estudo amplia desta forma a literatura em torno das escritas

artísticas que se constrói com e por meio da rua como um ato político de ocupação. O autor ainda explora os desdobramentos que a obra tem proporcionado ao Ruante, que vai da possibilidade de se mergulhar em experimentações cênicas a processos de aprendizagens de novos integrantes do grupo.

Em *A palhaça como colcha de retalhos: quarenta e um anos de processo criativo* – Daiani Brum entrevista Profa. Val de Carvalho, Daiani Brum traça uma reflexão crítica por meio das palavras da professora que há 41 anos atuando como palhaça e que referencia o seu legado no Circo como uma colcha de retalhos em eterna construção. Os pedaços desse trajeto vão sendo costurados por meio das experiências obtidas nos Doutores da Alegria e no Cirque du Soleil, por exemplo. A entrevistada ainda enfatiza os desafios de alinhar a presença da mulher em determinados espaços, sobretudo da mulher palhaça. Seu olhar voltado para a importância de uma aprendizagem contínua e da renovação técnica, revela uma bela colcha de atuação cômica que há décadas se constrói junto ao público.

Referências

- LOPES, Daniel de Carvalho e SILVA, Erminia. “A contemporaneidade da teatralidade circense: diferenças e re-existências nos modos de se fazer circo.” In: INFANTINO, Julieta (org). *El arte de circo en América del Sur*. São Paulo: Edições Sesc, 2023.
- SILVA, Erminia. *Circo-teatro. Benjamim de Oliveira e a teatralidade circense no Brasil*. São Paulo: Itaú Cultural e Martins Fontes, 2022.
- SILVA, Erminia. *O circo: sua arte e seus saberes. O circo no Brasil do final do século XIX a meados do XX*. Dissertação de Mestrado. Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. 1996.